

Inimizade entre ACM e Maluf volta à tona

LÍDERES EM CAMPOS OPOSTOS

A tentativa do prefeito Paulo Maluf de organizar um partido que possa aglutinar o setor da opinião pública chamado de "conservador modernizante" revive sua antiga rivalidade com o senador baiano Antônio Carlos Magalhães, do PFL, que disputa o mesmo setor.

Não se sabe quando a inimizade de Maluf com Magalhães começou, mas ela foi dada a público a partir da última campanha presidencial do regime militar, em 1984. Tanto Maluf como Magalhães, que foram governadores de seus respectivos Estados, haviam sido importantes colaboradores civis do regime militar. Quando este entrou em crise, por causa do estouro da dívida externa em 1982 e das graves dificuldades econômicas que se seguiram, ficou claro que não poderia ser eleito presidente de novo um militar. Mas ao mesmo tempo parecia inviável que fosse eleito um membro da chamada oposição democrática.

Então Maluf iniciou sua campanha presidencial, tendo como rivais no PDS, o partido que apoiava o regime militar, Aureliano Chaves e Mário Andreazza. Foi nessa ocasião que Magalhães, dando apoio a Andreazza, passou a criticar Maluf.

Em fevereiro de 1984, Magalhães, perguntado como seria o Brasil presidido por Maluf, afirmou: "Se fosse como São Paulo, seria muito ruim. Ruim pelo estilo, pela maneira como ele administrou o Estado. Ele cometeu erros terríveis, como a Paulípetro (tentativa do governador Maluf de organizar uma estatal que explorasse o petróleo em São Paulo). Houve as viagens como a do Japão, onde o nome do Brasil nem sempre ficou bem. Ele viajou acompanhado de mais de 150 pessoas. Em Roma, o avião nem pôde decolar, por excesso de peso e coisas do gênero. Isso não me agrada, embora seja este o estilo dele e agrade a alguns."

Ainda durante a campanha pela convenção do PDS, Magalhães declarou: "Eu confesso



que os métodos utilizados pelo deputado Paulo Maluf para a conquista do poder não são idôneos, normais. Política não é um convento, mas também não é o que pensa o deputado Paulo Maluf. Esse aliciamento que ele faz, é óbvio que não agrada a Nação e é por isso que ele não agrada a Nação, não tem a credibilidade indispensável."

Disputa antiga COLÉGIO ELEITORAL

Enquanto Maluf não respondia às críticas de Magalhães, preferindo que Prisco Vianna, do PDS da Bahia, comentasse as palavras do inimigo, o ex-governador baiano voltou a carga em agosto de 1984. Disse que Maluf "compra votos" e que "aqueles que se venderem vão pagar um preço alto".

Entretanto, Maluf ganhou a convenção do PDS e surgiu como candidato à Presidência da República, aparentemente im-

batível, porque a oposição, que havia lançado Tancredo Neves, era minoria no Colégio Eleitoral (na época as eleições eram indiretas). Aí surgiu a surpresa: para não eleger Maluf, Magalhães e seu grupo saíram do PDS, formaram a Frente Liberal, origem do PFL, e se aliaram a Tancredo, garantindo sua vitória no Colégio Eleitoral.

Ao anunciar seu apoio a Tancredo, em agosto de 1984, Magalhães criticou Maluf mais duramente: "A repulsa da sociedade por Maluf vem também da maneira repugnante pela qual ele tratou o Nordeste. Ele afrontou a pobreza, corrompeu políticos. Comportou-se como alguém que não tem sentimentos, exceto as próprias ambições."

O resultado é que, com a eleição de Tancredo, Magalhães continuou no governo durante a Nova República e Maluf ficou restrito à oposição. Agora, com ambos apoiando o governo FHC e Maluf disputando o mesmo lado do espectro político de Magalhães, a inimizade ressurge em público.